

# Ética do cuidado e multiculturalismo: contribuições para a educação científica

## Ethics of care and multiculturalism: contributions to scientific education

**Valeria Santos Santana Oliveira**

Universidade Federal de Sergipe

[valeriasantana574@gmail.com](mailto:valeriasantana574@gmail.com)

**Alice Alexandre Pagan**

Universidade Federal do Mato Grosso

[alice.pagan@ufmt.br](mailto:alice.pagan@ufmt.br)

### Resumo

A ética do cuidado vem em face corroborar com a relação entre humanos e natureza buscando superar os gradualismos e dicotomizações entre tais conceitos. O multiculturalismo no Ensino das Ciências se mostra como um conjunto de discussões a respeito da diversidade cultural e os desafios aos pré-conceitos presentes no campo educacional. A partir da questão: a ética do cuidado pode ser aproximada e caracterizar avanços ao movimento multicultural no Ensino das Ciências? Objetivamos analisar a perspectiva da ética do cuidado traçando aproximações e/ou distanciamentos em relação ao multiculturalismo. Isso nos leva a questionamentos os quais envolvem a classificação dos grupos humanos para os animalizados. Concluímos que a ética do cuidado reflete sobre uma ciência que atravessa os moldes do multiculturalismo, que ao mesmo tempo em que pensamos em relação ao cuidado para mim e para o mundo, vemos que há um distanciamento em relação as culturais.

**Palavras chave:** multiculturalismo, ética, cuidado, diversidade, ensino.

### Abstract

The ethics of care comes to corroborate the relationship between humans and nature, seeking to overcome the gradualisms and dichotomizations between such concepts. Multiculturalism in Science Teaching is shown as a set of discussions about cultural diversity and challenges to preconceptions present in the educational field. From the question: can the ethics of care be approximated and characterize advances in the multicultural movement in Science Teaching? We aimed to analyze the perspective of the ethics of care, tracing approximations and/or distances in relation to multiculturalism. This leads us to questions which involve the classification of human groups to animalized ones. We conclude that the ethics of care reflects on a science that crosses the lines of multiculturalism, that while we think about care for myself and the world, we see that there is a distance in relation to cultural ones.

**Key words:** multiculturalism, ethics, care, diversity, teaching.

## Introdução

Na contemporaneidade, as interações culturais transitam em diferentes espaços, desde o campo da informação até as migrações e lutas das minorias. Tais interações conduzem a uma série de questionamentos usados na construção dos “outros” e às diferenças que podem ser debatidas ou não. Com isso, surgem teorias que procuram refletir sobre a cultura a partir da inclusão multicultural ou da transformação das culturas por processos de diálogo e interação (ANDRÉ, 2009) propondo um mundo que supere falsas padronizações. Visando utilizar novas narrativas que incluam distintas abordagens culturais, estas desenvolvem-se teoricamente no campo das ciências algumas terminologias como o multiculturalismo, que nos leva a refletir sobre a multiplicidade das culturas, bem como a ética do cuidado que permite refletimos sobre o eu e o mundo. Principalmente quando nos referimos a educação, a qual o multiculturalismo promove-se uma política de universalização da escolarização, onde todos são convidados a participar do sistema escolar, desde o que se refere aos conteúdos impostos pelo currículo, as relações entre os diferentes atores, até as estratégias que são utilizadas nas salas de aula, aos valores culturais (CANDAU, 2012).

A ética do cuidado traz novas formas de olhar para essa relação com a natureza entre o eu e o mundo natural, que também buscam superar esses gradualismos e dicotomizações. Isso nos leva a uma questão. A contribuição da ética do cuidado no ensino de ciências pode ser considerada em quais perspectivas? Ela pode ser vista como multicultural? Dessa forma, esse ensaio objetiva analisar a perspectiva da ética do cuidado traçando aproximações e/ou distanciamentos em relação ao multiculturalismo.

Para o desenvolvimento do argumento, buscamos considerar algumas definições de multiculturalidade nos contextos da Educação e da Educação Científica compreendendo como essas questões têm incorporado o espaço das atuações femininas. Em seguida, traçamos reflexões sobre a idéia de cuidado e por fim, como esse conceito, em uma perspectiva ecofeminista, pode contribuir para ampliação da discussão multicultural acrescentando ao debate um contexto mais amplo de multiculturalidade, que considera também os demais seres vivos no planeta, afetando inclusive as concepções sobre a luta das mulheres e demais gêneros dissidentes.

## Multiculturalismo e o ensino de ciências

Candau (2012) apresentou a educação multicultural sob uma perspectiva conceitual e outra prática, tanto construída nos contextos acadêmicos, como pelos movimentos sociais. Ela surge como crítica ao processo de globalização que tem se tornado um excludente, devido ao seu caráter padronizador. Os que mais sofrem são os diferentes que apresentam dificuldades de se enquadrar em uma sociedade competitiva e consumista. No caso da idéia de igualdade e diferenças ela busca uma visão dialética dos dois, ao falar de igualdade tem que se pensar a diferença. Ao falar de afirmação de identidade não se pode deixar de pensar na igualdade.

Para isso Candau (2012) aponta como caminho de superação desse contexto a ideia de equidade que se mostra como a oportunidade de percepções e tratamentos diferentes aos diferentes com vistas à justiça de oportunidades.

Com base em alguns dos pressupostos expressos, argumentamos que vários discursos

históricos e educacionais foram criados a partir da modernidade europeia e do silenciamento de várias narrativas de povos subjugados. Nessa linha de raciocínio, as diversas correntes de pensamento pedagógico que se impuseram na Europa e na América Latina são feridas por múltiplos silêncios. Diante da afirmação de diferentes culturas em meio público, exacerbada pela atual migração, as fronteiras geográficas são cada vez mais dissolvidas, mas as fronteiras culturais são cada vez mais urgentes. Esses cenários de existência de diferentes culturas costumam ser chamados de multiculturalismo. As sociedades contemporâneas são, portanto, multiculturais, resultantes de configurações sociais onde coexistem culturas originárias de diferentes cantos do mundo (TAVARES; GOMES, 2018).

O multiculturalismo, como grupo de respostas à diversidade cultural e desafios ao preconceito, tem estado no centro das controvérsias sobre desigualdade e pluralidade na contemporaneidade, em escala global. Mas isso acaba sendo um tanto impreciso, pois se o mundo está cheio de conflitos entre pessoas, grupos e nações que pensam, sentem e agem de forma diferente, ao mesmo tempo essas pessoas, grupos e nações terão que compreender que, cada vez mais, enfrentam problemas semelhantes cuja solução demanda cooperação entre todos, como problemas ecológicos, econômicos, meteorológicos. Tadeu (2016) também sustenta que multiculturalismo, como a cultura contemporânea, é fundamentalmente ambíguo. Por um lado, o multiculturalismo é uma reivindicação legítima dos grupos culturais dominantes nesses países para que suas formas culturais sejam reconhecidas e representadas na cultura nacional. No entanto, o multiculturalismo também pode ser entendido como uma solução para os "problemas" que a presença de grupos raciais e étnicos nesses países impõe à cultura dominante. De uma forma ou de outra, o multiculturalismo não pode ser separado das relações de poder que forçam essas diferentes culturas raciais, étnicas e nacionais a viver no mesmo espaço em primeiro lugar.

Para Tadeu (2016), parte da ambiguidade inerente ao multiculturalismo é causada pela integração de múltiplas microculturas em uma cultura dominante, muitas vezes resultando em pessoas mais deslocadas de suas culturas e mais influenciadas e mais facilmente exploradas. E o que pode acontecer é que, uma vez combinados com outra nova cultura, eles perdem suas raízes. Vieira (1995) afirmou sua crença de que em uma sociedade multicultural:

Há que procurar políticas e tipos de comunicação interculturais, não apenas multiculturais, pois caso contrário, reproduzem-se as diferenças fechadas em ghettos, reconhecendo-se-lhes as suas particularidades e identidades próprias sem, todavia, ou pelo menos necessariamente as pôr em pé de igualdade ao acesso à cidadania europeia, mundial, transnacional, transcultural, etc., sem perder a identidade local. (pag. 133 – 134)

Assim, para Vieira (1995) é necessário ajudar a inspirar o entusiasmo e a confiança nestas microculturas, respeitar as suas tradições e não deixar que percam a sua identidade cultural ou local porque é todo um conjunto de saberes, comportamentos e pensamentos que nos enriquece como seres humanos.

Pensar no ensino das Ciências que norteia o multiculturalismo, nos faz entender que esses comportamentos devem ser alcançados, à medida que essas dinâmicas entre as microculturas tendem a mudar, as práticas do ensino também devem mudar. Não podemos continuar com o mesmo ensino nos dias atuais, pois a diversificação em sala só cresce com o passar dos anos. Para tanto, é necessário esforços para expandir o conhecimento e buscar entender o máximo em relação as mais diversas culturas (ADAMS, 2008; BONNER, 2009).

Nesse contexto, também podemos discutir sobre a interculturalidade a qual está ligada aos ideais de liberdade, independência e transparência e universalidade de direitos que são fatores

fundamentais para o desempenho das democracias modernas. O termo acima se destacou como premissa na redação das Cartas Magnas de alguns países, principalmente aqueles que possuem grande contingente de indígenas em sua população. Os latino-americanos e essas etnias, por meio dos movimentos sociais, reivindicavam que a interculturalidade se tornasse não apenas uma promessa de governo, mas uma também uma política de Estado. Tornando-se assim, um instrumento de grande importância para a construção do conhecimento crítico e autônomo em relação à proteção dos costumes e do patrimônio cultural de suma importância a ser apresentada em contexto educativo. Deve estimular ações conjuntas para criar respeito e valorização da diversidade cultural existente nas comunidades indígenas e afrodescendentes (SILVA, et al., 2022).

É através da internalização das formas de pensar, sentir e comportar-se que os padrões culturais de um determinado grupo social ou individual se torna possível a continuidade de culturas ou subculturas de diferentes grupos sociais (CUCHE, 1999). Uma cultura não deve ser comparada, avaliada e rejeitada por ser uma minoria, pois isso só levará ao não reconhecimento de diferentes identidades culturais. Ainda para Cucho (1999), cada cultura é dotada de um estilo específico expresso por meio da linguagem, crenças, costumes e a arte. Esse espírito, característico de cada cultura, influencia o comportamento individual. Comportamento esse que também é visto na invisibilidade da mulher mesmo em discussões multiculturais, o que nos faz refletir a respeito da necessidade de se considerar outras questões que envolvam mulheres e suas relações com a natureza.

Ao nos depararmos com essas questões que norteiam a diversidade cultural e o feminino, devemos repensar mais cuidadosamente a respeito do mito do cuidado que tem a compreensão de quão importante é o cuidado para as pessoas e suas vidas. Apresenta um retrato alegórico da humanidade onde o aspecto mais marcante de sua origem, experiência e propósito é o cuidado. Assim, fornece uma genealogia do cuidado, que ilumina um repensar de seu valor e propósito na vida. Ele fornece uma imagem diferente da sociedade, com diferentes implicações para a ética em geral (REICH, 1995). Contudo, conceituar o multiculturalismo requer ricas contextualizações, para que não sejam gerados equívocos se discutido de maneira abstrata.

### **Considerações sobre o conceito de cuidado**

Ao buscar entender o conceito de cuidado, remetemo-nos a ótica de Soren Kierkegaard, embora em estágio inicial, foi o primeiro filósofo a conceituar evidentemente o cuidado. Ele introduziu as ideias em relação ao interesse e cuidado para contrariar o que considerava o idealismo extremo da filosofia e da teologia desenvolvido no início do século XIX. Para redescobrir o conceito e o sentido da existência de cada indivíduo, que, segundo o filósofo, estão desaparecendo as categorias universais e misteriosas da filosofia moderna, chamamos a atenção para a ausência de preocupação ou cuidado no tipo de filosofia utilizada por esses programas (REICH, 1995). Ele separa o pensamento da consciência desinteressada. O primeiro é simplesmente um processo de medir as coisas em relação aos outros, não há preocupação ou interesse em quem você conhece ou o que acontece com a pessoa por causa dessas informações obtidas. A consciência está inerentemente preocupada com quem você conhece e as contradições que podem surgir a partir do que é conhecido na autorreflexão, traz seus aspectos objetivos em relação real com o sujeito do conhecimento por meio do cuidado e da preocupação. A relação pessoal com a realidade é o fundamento da teoria do conhecimento de Kierkegaard (REICH, 1995).

Também na filosofia de Martin Heidegger, um dos primeiros e mais influentes filósofos do

século XX, o cuidado não é apenas um conceito entre outros, mas seu eixo central, o que o torna considerado um filósofo cuidador. O desenvolvimento de seu conceito de cuidado vem do mito grego e latino do cuidado, cuja narrativa é literalmente citada para justificar seu pressuposto básico de que o ser humano carrega a marca do cuidado. Os ensinamentos de Kierkegaard sobre ansiedade e cuidado também têm forte influência no pensamento heideggeriano, mas há diferenças importantes. Enquanto o primeiro vê o cuidado de forma individual, subjetiva e psicológica, o segundo o leva a um nível abstrato e ontológico para descrever a estrutura humana básica (BOFF, 1999).

O cuidado, para Heidegger, tem o duplo sentido de sofrer e mendigar, representando duas possibilidades fundamentais e conflitantes. "Ansiedade de preocupação por meio da cultura" que mostra a luta de cada pessoa para viver e encontrar uma boa posição entre outras pessoas. E "Solicitude de carreira" significa virar, nutrir, interessar-se pela terra e pelas pessoas. No mundo cotidiano, essa confusão de cuidados separados é inevitável. Aceitá-lo como pessoa é compreender que o cuidado como luto continua a luta pela sobrevivência, enquanto entendê-lo como pedir ajuda permite a expressão de todo o potencial de cada pessoa (REICH, 1995). Portanto, os valores morais são vistos como próprios no processo de cuidado e crescimento. Obrigações relacionadas ao cuidado surgem por causa dos recursos internos do comprometimento da relação e não por causa de leis externas. Quando uma pessoa é cuidada, ela cresce para se decidir e escolher seus valores e opiniões com base em suas experiências, em vez de simplesmente concordar com o que está lá.

Nessa esfera é importante pensar que o cuidado está relacionado a previsibilidade e se estabelece enquanto conceito um operacional frente a tudo que possa ser considerado ameaçador, a auto preservação e a sobrevivência humana, bem como também a sobrevivência do mundo, animal e ambiental. Constata-se que a partir da publicação de - Ser e tempo - de Martin Heidegger (1996; 1986), a questão aqui apresentada do cuidado toma lugar frente as discussões multiculturais. Heidegger estabeleceu a base original para a reflexão, com o conceito de ética do cuidado, indicando que qualquer investigação sobre o assunto deve levar a sério um resultado que possa ser obtido em uma discussão sobre ética e cuidado passando por questões fundamentais sobre como estamos no mundo (SANTOS, 2011).

De antemão, uma vez que, ao buscar estender essas reflexões, é preciso entender como a perspectiva da ética do cuidado vem se moldando nos últimos tempos, principalmente quando aprendemos sobre a natureza, pois aprendemos sobre nós. Sobre os limites de quem somos frente ao mundo.

Ingold (1995), desvela que essa construção nos leva a ideia do ser humano no contraste com a natureza e como eles se relacionam. Ademais, essa ideia justificou o gradualismo, a qual envolvia a classificação dos grupos entre mais domésticos para os animalizados. Com isso, a multiculturalidade vem para debater esse cenário gradualista e ajuda a romper com os preconceitos associados a essas posições. A questão está no fato de que a herança do pensamento dualista invade até mesmo nossa concepção de ser humano, ao nos fornece o vocabulário com o qual a expressamos.

Partindo desse pressuposto, somos criaturas constitucionalmente divididas, com uma parte imersa na condição física da animalidade, e a outra na condição moral da humanidade. Poderíamos nos questionar, em qual dessas partes reside a natureza humana? A resposta depende muito da maneira como definimos "natureza", visto que é um conceito dos mais polivalentes em qualquer idioma.

Aprofundando um pouco mais essa discussão sobre o cuidado, trazemos também a ótica de

Carol Gilligan, em uma de suas obras, considerada um símbolo indelével do conceito moderno de cuidar, a qual ela compara o comportamento primário de meninos e homens com o de meninas e mulheres, revelando que há uma tendência a usar diferentes estratégias de pensamento e diferentes temas comportamentais e conceitos na criação e resolução de problemas éticos. Ela menciona três estudos que ilustram sua hipótese central: a maneira como as pessoas falam sobre suas vidas é importante; A linguagem que usam e a comunicação que fazem revelam o mundo que veem e o ambiente em que trabalham (GILLIGAN, 1982). Seu objetivo é ampliar a compreensão do desenvolvimento humano, para incluir um grupo que muitas vezes é deixado de fora do desenvolvimento de sua teoria, com o objetivo de chamar a atenção para o que está faltando nos métodos atuais.

A autora busca registrar diferentes formas de pensar as relações e sua associação com as vozes de homens e mulheres em dados de pesquisa, textos psicológicos e literários. A diferença entre as experiências de homens e mulheres é muitas vezes explicada como um problema de desenvolvimento moral. Contrariando isso, a autora afirma que o fato de as mulheres não concordarem com os modelos existentes pode apontar para problemas de representação, limitações na composição da condição humana ou a omissão de certas características e fatos sobre a vida (GILLIGAN, 1982).

A abordagem de Carol Gilligan, é destacada como um grande precursor da ética do cuidado, apresentando contribuições do trabalho para o desenvolvimento moral. Partindo do cuidado nas circunstâncias morais das teorias hegemônicas de modo geral, para a autora, a ética do cuidado é determinada por resolver a falha de um modelo patriarcal em teorias éticas, ao buscar dar voz as noções de justiça baseada na experiência de conexão e na habilidade humana para cuidar de forma responsável dos outros (MISSAGGIA, 2020).

A autora nos diz em uma das suas citações que: "Combinação e separação reparam o ciclo da vida. Reprodução humana, descrevendo a biologia e a psicologia da reprodução humana e do desenvolvimento humano" (1997, pag. 235). De fato, as categorias de conexão e separação, que descrevem a natureza e a sequência das formas de desenvolvimento e evocam todas as formas de relações de experiência humana universal, incorporam diferentes orientações: separação e retidão. Fator esse que podemos descrever por uma ética de justiça, e esse vínculo é sustentado pela ética de cuidado (GILLIGAN, 1997). Vemos, portanto, a avaliação do cuidado como uma perspectiva ética válida e coerente, capaz de 'redefinir' o escopo da ética, servindo a princípios conceitualmente novos ao lado de um referencial ético baseado na realidade. Isso é, sem dúvida, por não se contentar em apenas enfatizar o viés da teoria de Kohlberg e Gilligan, porém questionar que quase todas as teorias morais fazem menção a definição de uma única forma de raciocínio moral, com isso, é possível outro nível de compreensão humana (GARRAU; GOFF, 2010).

O ser pertencente ao mundo, no universo das ciências, pode implicar hipoteticamente, em uma perspectiva existencial puramente utilitarista, ou seja, na ideia de que não é preciso se preocupar com a questão ambiental, da sustentabilidade, da preservação, com um ideal de um legado para as próximas gerações. É preciso explicar de que maneira, os conceitos de identidade; consciência; esfera pública e ética pensados e propostos por Hannah Arendt, são de suma importância para situar e descrever conceitualmente a ética do cuidado aqui apresentada (LAFER, 2018).

A perspectiva da ética do cuidado também nos possibilita uma articulação com o ser do mundo, no sentido da cooperação e do respeito, em torno de um projeto utópico, pois implica em conviver na diversidade por meio da cultura, da história coletiva da tradição, do legado

intergeracional, e da responsabilidade que isto requer, frente ao projeto ético de felicidade coletiva (LAFER, 2018).

Talvez por isso, muitas pessoas não acreditam e usam apenas a racionalidade como uma opção razoável de sobrevivência. De maneira mais geral, fatores sociais, históricos e culturais estão destinados a aprofundar a compreensão dos processos que formam e legitimam essas instituições ou intermediários, tanto objetiva quanto subjetivamente, para determinar as trajetórias da ação julgadora, afetiva e moral (BRAUNSTEIN, 2012).

Para Costa (2020), essas trajetórias podem ser vistas como complexas, uma vez que inclui rupturas temporais e diversas transformações psicológicas, biológicas, físicas, sociais, familiares e culturais. De modo que envolve adaptações psicológicas e sociais dos indivíduos, e representa um processo complexo com consequências ao nível de saúde mental e física.

Aqui vemos que a visão etnocêntrica da cultura não está completamente esgotada, que ainda estamos divididos e que o multiculturalismo ainda é visto por alguns como um risco à identidade nacional, fator esse que nos mostra a relevância em se observar a visão multiculturalismo através da ética do cuidado. Uma vez que esta está pautada por questões morais em relação a habilidade humana em cuidar do “eu” e do “nos” como um todo.

### **Contribuições da ética do cuidado ao pensamento multicultural no ensino de ciências**

O multiculturalismo deve ser entendido de uma forma diferente para analisar a ambiguidade do termo e sua emergência a partir da tradução de significados e perspectivas multiculturais. Em relação aos conceitos e práticas curriculares e de ensino a partir da ideia de multiculturalismo, o mesmo pode ser visto com vínculos de pesquisa pois acreditamos que a nossa visão pode ser ampliada. Uma vez que, em contextos educacionais, congelamentos identitários e desigualdades afetam múltiplas identidades (IVENICKI, 2018).

A partir desse ponto de vista, que Ivenicki (2018) traz, incluímos a visão defendida por Candau (2012), que insiste que a diversidade cultural deve ser vista como um modelo que não está apenas vinculado ao lugar ou poder específico de cada grupo social. Ela, afeta a educação, favorecendo a dinâmica crítica e a interação entre os diferentes grupos sociais. Nessa esfera, podemos refletir: Até onde o multiculturalismo colabora para o ensino de ciências e onde ele não alcança? Dá para sustentar que o multiculturalismo silencia-se sobre as discussões entre humanos e outras espécies?

A ética do cuidado pode colaborar para um processo multicultural que leve em conta a diversidade não apenas social, mas amplie a discussão para os direitos animais, resgatando-lhes a ideia de alteridade e diminuindo especismos. Ainda certamente isso contribui para maior visibilidade sobre os mecanismos de dominação da mulher que são parecidos com os mecanismos de dominação da natureza.

A intenção aqui é de interpretar as respostas que a ética do cuidado nos oferece para temática como o multiculturalismo e poder assim auxiliar na docência. O ser humano é um ser social e afetivo, ou seja, há a necessidade por parte dele de estabelecer relações, com o mundo, com os outros e consigo mesmo. Dessa forma, o sujeito está inserido em um processo triplo de humanização, de socialização e singularização. Logo, existirá um eu epistêmico, um eu empírico e um eu social. E, esse movimento indissociavelmente torna o processo de educabilidade possível. Dessa forma, o sujeito necessita estar bem consigo mesmo para estabelecer relações com o mundo e com os outros; se sentir amado e querido pela sociedade, amigos e/ou família. E, na escola, não poderia ser diferente: aprendemos quando nos sentimos

bem consigo mesmo, e com nossos pares: professores, amigos, gestores e equipe escolar.

## Conclusão

Portanto, conclui-se que a perspectiva da ética do cuidado nos leva a refletir sobre uma ciência que atravessa os moldes do multiculturalismo, que ao mesmo tempo em que pensamos em relação ao cuidado para mim e para o mundo, vemos que há um distanciamento em relação as culturais, principalmente ocidentais. O multiculturalismo é agora cabido como uma aglomeração de minorias étnicas em uma cultura dominante, nesse sentido, a terminologia minoria refere-se a um grupo de pessoas em termos de raças como cor, etnia e gênero.

A ética do cuidado nos leva a aprender a conviver respeitando e abertura às relações humanas, e a capacitância pessoal de permitir a aproximação e não a distância do outro, por meio da empatia, respeito, estilos de vida alternativos, escuta e diálogo tendo sempre por base o envolvimento com a diferença.

Um ponto de vista importante é o do desenvolvimento moral, baseado no argumento de que, por meio da interação social, os seres humanos atingem cognitivamente uma capacidade, função psicológica ou mental superior, que não é diferenciada de forma diferente. Para atingirem esse estágio e assim identificarem diferentes modelos de mediação, ferramentas e, neste caso, podem ser considerados mediadores morais e éticos num contexto multiculturalista. Portanto, os componentes do autoconceito, a dimensão cognitiva, o fator comportamental e a dimensão afetiva (incluindo as emoções), são afetados pelo ensino e afetam a qualidade do que está sendo aprendido.

Portanto, importa o que nos faz essencialmente humano, e o que torna possíveis outras ocorrências humanas essencialmente como SER humano. É um código de ética significativo que mostra como os seres humanos precisam levar a sério o conceito de cuidar. Como existimos e os resultados de suas teorias se combinam para tornar possível criar novos significados para os conceitos de cuidado e ética. O que nos leva a entender que tenhamos que reexaminar nossa posição, nossa aceitação teórica e nossos fundamentos aprendidos até então, posteriormente.

## Agradecimentos e apoios

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Edital de Seleção Emergencial IV CAPES - Impactos da Pandemia.

## Referências Bibliográficas

ADAMS, T.L. Matemática multicultural: revelações de uma tarefa exploratória. **Educação Multicultural**, 2008.

ANDRÉ, J. M. Interpretações do mundo e multiculturalismo: incomensurabilidade e diálogo entre culturas. *Saber & Educar*, n. 14, 2009.

BRAUNSTEIN, H. R. **Ética do cuidado: das instituições de cuidado e pseudo cuidado**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2012.

BOFF L. Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes; 1999.



BONNER, E.P. Alcançando o sucesso com alunos afro-americanos: uma estrutura para o ensino de matemática culturalmente responsivo. **Educação Infantil**, 2009.

CAMPOS, R. A. Multiculturalismo y ética. Revista de filosofia DIÁNOIA, v. 44, n. 44, p. 181-193, 1998.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. **Educação & Sociedade**, v. 33, p. 235-250, 2012.

CANDAU, V. M. F. Sociedade multicultural e educação: tensões e desafios. In: \_\_\_\_\_. (Org.). Didática crítica intercultural: aproximações. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, p. 19-54, 2012.

COSTA, C. C. F. As Tranças de Ifemelu: a Migração e o Entre-lugar no Livro Americanah. 2020.

CUCHE, D. A noção de culturas nas ciências sociais. Fim de século, Lisboa, 1999.

GONÇALVES, R. C. et al. Ética do cuidado e empatia: em defesa de uma metaética sentimentalista para os direitos humanos. 2012.

GARRAU, M.; GOFF, A. 'Care', justice et dépendence. Introduction aux théories du 'Care', Paris: PUF, 2010.

GILLIGAN, C. Relembrando Ifigênia: voz, ressonância e cura pela fala. 1997.

GILLIGAN, C. Uma voz diferente: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; 1982.

INGOLD, T. Humanidade e animalidade. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 28, n. 10, p. 39-53, 1995.

IVENICKI, A. Multiculturalismo e formação de professores: dimensões, possibilidades e desafios na contemporaneidade. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 26, p. 1151-1167, 2018.

LAFER, C. **Hannah Arendt: pensamento, persuasão e poder**. Editora Paz e Terra, 2018.

MISSAGGIA, J. Ética do cuidado: duas formulações e suas objeções. Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia, v. 6, n. 3, p. 55-67, 2020.

OLIVEIRA, I. M. M. Filosofia, ética e multiculturalismo que relação? Tese de Doutorado, 2016.

SANTOS, E. S. Em busca de uma ética do cuidado à luz de Heidegger, Nishitani e Winnicott. **Winnicott e-prints**, v. 6, n. 1, p. 37-49, 2011.

REICH WT. History of the notion of care. In: Reich WT, editor. Bioethics encyclopedia. 2<sup>nd</sup> ed. [CD ROM]. New York: Mac Millan Library; 1995.

SILVA, R. M. et al. A POSSIBILIDADE DE DIÁLOGO ENTRE AS CULTURAS: um estudo segundo Catherine Walsh. **Revista Pedagógica**, v. 24, p. 1-17, 2022.

TADEU, T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Autêntica, 2016.

TAVARES, M.; GOMES, S. R. Multiculturalismo, interculturalismo e decolonialidade: prolegômenos a uma pedagogia decolonial. **Dialogia**, n. 29, p. 47-68, 2018.



**XIV  
ENPEC**

Caldas Novas - Goiás

VIEIRA, R. Mentalidades, Escola e Pedagogia Intercultura. In Revista Educação, Sociedades & Culturas, n.º 4, (pp.127 – 147), Edições Afrontamento, Porto, 1995.

YAZBEK, A. Itinerários cruzados: os caminhos da contemporaneidade filosófica francesa nas obras de Jean Paul Sartre e Michel Foucault. São Paulo: Educ – Fapesp, 2010.

